

* Luz e Vida *

SOCIOLOGIA
ARTE
CRÍTICA

PELA VERDADE
PELA JUSTIÇA
PELA VIDA

Os filhos do condenado

Burgueses! miseráveis defensores d'uma organização social iníqua, crapulosa e perversa, onde a infâmia, a opressão e a tirania reinam como rainhas absolutas e onde o trabalho, a virtude e a honra teem como prémio bastante a fome e o infortúnio, o cárcere e a tortura, —burgueses! vimos fazer-vos nesta hora a apresentação bem solene e bem amarga d'alguns dos filhos de Bartolomeu Constantino, essa vítima inocente votada ao sacrifício em holocausto á vossa ignorância, á vossa crueldade, á vossa autoridade criminosa, ás vossas leis abjetas! Olhai-os! olhai-os bem de frente—e que o mais negro remorso turbe e desorientado as vossas almas putrefactas, o vosso cérebro degenerado pelo preconceitualismo atávico.

Laura, Lingg, Alberto, Acrácio, Virgílio e Antero—seis crianças que a vossa sociedade infame votou ao despreso e

ao suplicio: as três primeiras vivendo uma vida miserável, êrma de conforto, viuva d'alegrias, só para que lhes seja dado o contemplar as grades do cárcere maldito onde o pai sofre as torturas execrandas da inquisição moderna; a quarta falecida, succumbida á força de privações e de misérrias, longe dos carinhosos abraços de seu pai, longe dos beijos vivificadores de sua desgraçada mãe; os últimos perdidos, arrastando alguns a sua existencia dolorosa, sem nova alguma que tranquilise acerca de sua sorte os infelizes pais:—seis crianças, seis seres inocentes que a vossa sociedade votou ao despreso, lançou ao suplicio! Mas que vos importa isso,

a vós, se as suas lágrimas e os seus lamentos confiagentes não chegam á mesa suntuosa dos vossos banquetes! que vos, importa isso, a vós defensores d'uma sociedade monstruosa onde, dia



Laura, Lingg e Alberto.

(Filhos de Bartolomeu Constantino)



Bartolomeu Constantino

leis e as religiões—contra toda a presente desorganização social, filha do crime, mãe da tirania. E quando a burguesia vos interrogar ácerca de vossa vida infortunada, respondei, com a altivez e o desassombro dos fortes lutadores:—Sómos os filhos do homem que a lei execranda condenou, por sonhar numa era de verdade, de paz, d'amor para toda a Humanidade, numa era de luz e de justiça, onde todos os homens fossêem felizes e onde todas as crianças tivessem, á farta, o pão do corpo e o pão do espirito—a alegria, o amor, a abastança, a educação.

Filhos do condenado! as lágrimas abrasadoras com que regardes a terra de suplicio de vosso pái, hão de germinar um dia, enfim, numa bendita aurora de Pás e de Verdade!

Germinal! germinal!

Nós.

—Quando ia a entrar na máquina a presente LUZ E VIDA, chega-nos súbita noticia da libertação de Bartolomeu Constantino.

Ora graças, graças, graças!

Um grande abraço, em espirito, ao enérgico, denodado camarada; os nossos sentidos pêsames ao Trépoffesinho lusitanico e seus patrióticos correligionários...

A Verdade e a Vida

(Excerto)

V

1—O homem desde o berço abandonado ao seu instinto animal é como o grave arremessado nas trevas: rôla para o desconhecido.

2—E' ainda como a planta que para florescer e depois vergar em frutos, carece de bôa terra e bom amanho desde o germen.

3—Por isso, quem quer que sejas, toma o teu filho e anda: está nas tuas mãos fazer d'essa materia inconsciente, o ser intelligente e forte.

4—Agora é quasi materia amorfa; é ainda o automato sem compreensão e sem iniciativa — sempre sujeito ao desequilibrio e á paralisação.

5—Para que o ser inconsciente, pois, não vá amanhã atrofiar o consciente, o animal o ser pensante e bom, começa desde já o teu dever.

6—A sciencia diz que o criminoso é a regra e o homem social a excepção, e que portanto todo o ser dotado de intelligencia e de vontade tem dentro de si um malfeitor...

7—Malfeitor que é preciso estrangular ao nascer, para o que não é preciso nem o alfange do gendarme nem a faca do assassino: basta para isso iluminar-lhe o cerebro.

8—E quem não sabe que desembaraçar da ignorancia é abrir caminho para a vida, seguir para o triumpho?

9—Sim, toma teu filho e anda, e que

a luz lhe bata em cheio desde a aurora.

10—O amor lançou-o no teu ventre, ó mãe; que seja elle ainda a lançal-o ao coração dos homens.

11—Porque sem o amor a solidariedade humana continuará sendo a utopia de muitos e o desespero da maior parte.

12—E se isto é assim; se o odio ás raças é ainda um facto de todos os dias, porque não arrancamos o mal pela raiz, educando as novas gerações?

13—Um pouco de bôa vontade em cada um de nós e dentro em poucos annos a humanidade será outra e tão diversa, que os homens d'hoje aos de amanhã parecerão monstros.

14—Mesmo a grande e imancipadora revolução social que se anuncia e se prepara será impossivel se outra revolução a não anticipar: a das ideias.

15—E' a historia de todas as revoluções da humanidade: nas coisas onde só imperam violencias,

os triumphos tem a duração d'uma manhã.

16—Que fazer pois? A propria natureza ensina; ao homem só cumpre regular as suas leis.

17—D'entre a grande multidão dos pequeninos, tomemos um ao acaso. Dois annos. Esboçam-se as primeiras noções de linguagem, tentam-se os primeiros passos.

18—E' o tempo da animalidade



Luisa Michel

(Filha de João Evangelista e de Elvira Cecília Costa)

simples, da inconsciencia plena: muito ar e muita luz. O castigo raras vezes emenda e quasi sempre revolta: inteira liberdade d'ação, portanto.

19—A vigilancia será para desviar o perigo ou evitar o atrofiamento fisico: nunca para castigar.

20—Deixae-o escavar os fossos e rebolar as pedras: esboça-se o futuro homem d'ação; chegam as primeiras energias.

21—Amanhã interrogar-vos-á sobre tudo o que o cerca e o impressiona: as aves que vôm, os peixes que nadam e as arvores que dão sombra.

22—Qualquer formiga transportando uma semente será para elle um soberbo espectáculo como o regato da agua o passatempo d'uma tarde.

23—E' necessario satisfazer essa curiosidade sem limites, com a simples e clara noção das coisas, afastando sempre o medo e o sentimentalismo, que enfraquece e enerva.

24—O sentimentalismo e o medo são as primeiras fraquezas do ser; arraigadas ellas está aberto o caminho para todas as outras, que vão até á indiferença e á covardia, que ainda não são as ultimas.

25—Nada, pois, que seja superior á sua pequena intelligencia; os titeres ao passo que divertem, dão origem á crença no que é banal; depois chega a superstição.

26—Para o que entra na vida, o unico espectáculo permitido deve ser o da natureza: levae-o atravez dos campos ou das cidades mercantis e agriculas.

27—Isso dar-lhe-á, vigor e alegria, ao mesmo tempo que é fonte inexgotavel de conhecimentos preciosos.

28—Entretanto passam os anos e com elles chega a necessidade das primeiras noções do *a b c*.

29—E' aqui a nova fase da vida infantil. O que neste ponto ha a fazer é inteiramente novo.

30—Claro que não ides explicar-lhe o misterio da santissima trindade, nem ensinar-lhe a fazer cruses na testã.

31—Quereis fazer um homem, não um imbecil ou um maniaco; por isso o afastae de todas as crenças no sobrenatural, pelo desenvolvimento da razão.

32—Está provado que Deus e o Diabo são simplesmente duas palavras e que da sua supressão na linguagem dos povos depende o progresso das ideias e a sociabilidade humana.

33—Desviado assim o seu espirito do mundo dos absurdos ensinae-lhe sobretudo a amar o semelhante, sem distincção de raças nem de patrias.

34—Mais do que isso: ensinae-lhe a amar o proximo, que é tudo o que vive e sente no universo, desde a monera á planta, desde a planta ao animal e desde o animal ao homem.

THOMAZ DA FONSECA.

Quereis a emancipação da mulher? Emancipai-me, em primeiro lugar, o homem. A mulher é, na sociedade actual, a escrava dum escravo. A sua escravidão economica, moral e politica, é uma consequencia da escravidão economica, moral e politica do homem. Libertai o homem e tereis libertado a mulher.

JOÃO RAMOS.

A CO-EDUCAÇÃO DOS SEXOS

Uma educação verdadeiramente racional, capaz de desenvolver as inteligências e — o que é ainda mais difícil — capaz de formar caracteres, deve ser, de todo o ponto, isenta tanto de recompensas como de castigos. Quando a idade do que aprende lhe não permite compreender que a necessidade d'adquirir certos conhecimentos é uma das condições do desenvolvimento do seu ser, o atractivo do trabalho empreendido deve ser o único móbil que a ele o impulsiona.

A educação racional deve ter em linha de conta as preferencias e as repugnâncias do individuo. O seu objecto não é criar aptidões, mas sim o buscá-las e ajudá-las a desenvolverem-se. Deve tender, não a encher os cérebros duma sciência feita, indigesta por não comprehendida, e por conseguinte inassimilavel — mas sim a, pondo de banda as fórmulas consagradas, provocar a reflexão daquelle que estuda. Suscitar as perguntas e as objecções do aluno, tal deve ser o propósito do mestre. Cuidar-lhe do cérebro, mas respeitar a sua individualidade. Despertar a sua curiosidade, a sua iniciativa; pô-lo ante opiniões contraditorias, para que se exercite o seu espirito de critica e de deducção; levá-lo a nunca aceitar as explicações dadas, senão quando as tiver já feito passar, elle proprio, pelo cadinho da sua critica.

Eis aí o que é preciso fazer. Se se não sabe dar á educação um aspecto atraente, inuteis são os castigos e as recompensas que, pelo contrario, resultam prejudiciaes.

Outro ponto importante do ensino racional é a co-educação dos sexos. Inculcar a meninos e meninas o hábito de se tratarem como camaradas, fará muito mais pela emancipação da mulher do que todas as leis reclamadas pelo feminismo. Muito mais, sobretudo, do que os pretendidos direitos com que querem obsequiá-la e que não são mais que simples armadilhas.

Na sua primeira idade, raparigas e rapases confundem-se em seus folguedos. Mas, quando começa a despertar-lhes a idade da razão, separam-nos e educam-nos á parte qual se fôsem d'espécies dissemelhantes, fadadas a viver uma vida diferente.

Nada se lhes diz; no entanto, de todos os nossos costumes, de toda uma literatura, de todas as conversações, se depreende que a mulher é uma presa a que o homem terá de dar caça em sendo grande, e que os méritos dêste são proporcionais ao número de peças que tiver derrubado. E a mulher sabe por meios iguais, que o homem é um ser brutal, egoista, que deverá tratar de domar e de sugeitar por todos os meios de seducção de que possa ser capaz.



Aurora da Acacia

(Filha de Amadeu Cardoso da Silva e de
Teresa Vieira da Silva)

O amor, se tivéssemos de julgar pela nossa literatura, bastaria de por si a apontar o marco da atividade humana.

Tudo ensina á criança, ao moço, á menina e á mulher, que fôram feitos para amar. No entanto, tiram-se estas de ao pé daquêles. Depois de se lhes haver descrito, o mais ao vivo, as doçuras do amor, fás-se todo o possível por as converter para eles num mistério; e, se não se lhes dis que o amor é uma coisa repugnante de consumir, pelo menos fas-se-lhes supor isso mesmo.

Oe sexos são, um para o outro, um perfeito mistério. A sua imaginação, sobreexcitada, fás com que se ólhem como uma coisa que se teme mas que se arde por conhecer. Todo o sêr é naturalmente inclinado para o desconhecido; as demais faculdades aniquila-as este desejo imperioso.

Assim, quando a hora da emancipação chega, tem logar um impulso irresistível, e o amor, que devia sêr a união harmónica dos sêres, a miudo degenera em simples contato de duas necessidades físicas sobreexcitadas, de que nada restará uma vês saciadas. Sendo uma função normal o amor, e estando a mulher e o hómem destinados a viver um ao lado do outro, qual a razão por que se envolve em mistério essa função orgânica, quando, dia a dia, ela se cumpre, a nossos olhos, não obstante a falsa pudicicia dos nossos educadores? Qual a razão por que os sexos não hão de acostumar-se, deade a sua primeira idade, a conhecer-se, uma vês que esse conhecimento ha de sêr-lhes indispensavel para saber orientar a sua vida?

Pois não será habituando-nos a vêr as coisas tais quais elas são, que nos formarêmos uma comceção clara da existencia, entrincheirando-nos assim contra as confusões irrefletidas, que acarretam consigo decêções que nada mais são do que a consequencia das nossas falsas noções da realidade?

Aprendamos a faser respeitar a nossa personalidade; aprendamos a respeitar a de todo o ser humano: e têremos dado um passo de gigante para a comum libertação.

JEAN GRAVE.

A's creanças livres

O vosso cêrebro innocente
por Illusões tão embalado,
—que ainda são vosso Presente,
e são agora meu Passado—,

que seja só, continuamente,
pela Instrucção illuminado,
como um clarão de sol candente
sobre um cristal reverberado:

—Sobre o cristal da Ideia! que hade
guiar-vos, creanças, no futuro,
para o caminho da Verdade;

—d'essa Verdade que rebrilha
no mundo vil, infame, impuro,
porque é da Terra a eterna filha!

Mattosinhos, VII—905

CASTRO ALVES.

A CAUSA PRIMARIA

A mentira! eis a grande chaga aberta no corpo social esvurmendo a sanie maldita que tudo envenena.

Para onde quer que nos voltêmos a sanie aparece e, não obstante a campanha immensa em que se vem empenhando uma pleiade brilhante de lutadores aguerridos, procura ainda alastrar sobre o solo da Vida. Não ha ideal que ella não contrarie, não ha aspiração que ella não conspurque e infame.

E' assim que o ideal da emancipação feminina tem sido contrariado, conspurcado e infamado.

Em tanto nada mais bello, nada mais sublime.

Se a mulher é um ente tão racional como o homem, porque não ha de como o homem desenvolver as suas faculdades racionais? Em que pode prejudical-a esse desenvolvimento.

Nas suas relações affectivas? Mas isto é o maior dos absurdos que o egoismo do homem tem creado.

O que faz o animal tornar-se domestico? A educação que se lhe dá, claramente. O que faz do homem selvagem o homem civilisado? A educação, por certo. Pois então como querem excluir d'esta regra a mulher, a irmã do homem, sua igual, em muito, superior, em parte?

E não se lhes argumente com estas considerações. Os senhores antifeministas não admitem replicas. Absolutos nos seus raciocinios e nas suas resoluções,

persistem em considerar a mulher um ser inferior e em mantel-a escrava, (e escravisar tem sido em todos os tempos a principal preocupação do homem.

Que o fosse, porém, até hoje. O que não pode é continuar a sel-o.

Já temos luz bastante para illuminar essas trevas. Não o neguem, que dão mostras d'imbecis ou de mãos.

Por honra da civilisação a mulher não pode mais ocupar um lugar á parte do homem, mas concorrer com elle, em tudo e por tudo, e em todos os dominios da vida. E' mesmo dessa concorrência que se espera uma vasta e proficua remodelação nos costumes e nas leis, a resolução de inumeros problemas ainda irresolvi-veis.

Porque, o que mais falta ahí nos costumes e nas leis é sentimento, e o sentimento ha de vir da mulher, pois é ella que o possui em mais alto grau.

O sentimento não tem acompanhado a razão no seu evolucionar constante atravez das gerações, d'aquí o progresso moral não correspondendo ao progresso matenal. O resultado é esse desiquilibrio em que nos vemos e que produz toda ou a maior parte da grande crise actual, crise que ninguem sabe como será resolvida,—se por uma combinação e harmonia espiritual dos povos, se por uma hecatombe semelhante a um *Noventa e tres*.

E' com receio nesta segunda hypo-



Arácia

(Filha de Guilherme Braga
e de Ricardina Braga)

these que as classes preponderantes da sociedade se põem a legislar, a adoptar medidas repressivas, como, por exemplo, em Portugal, a *lei de 13 de Fevereiro*.

Não reparam essas classes, obceçadas nos seus velhos prejuizos e preconceitos estultos, que taes processos são contra — producentes. A repressão cria a reacção. Se os homens não fossem cegos ás lições da historia, veriam que das grandes repressões nasceram sempre as grandes revoluções.

O que, por conseguinte, ha a fazer para evitar a violencia, não é decretar medidas repressivas. E' instruir, educar, fazer do ser animal o ser moral, transformar o instincto em consciencia, apurar o sentimento, dar enfim ao homem as verdadeiras noções para a comprehensão do dever e que só o estudo e a educação lhe podem ministrar.

Mas essa instrucção e educação de forma alguma podem ser apenas para o sexo masculino. Sendo uma injustiça sem nome, era ao mesmo tempo um erro sem limite. Como educar o homem deixando a mulher ignorante? Não reparam na incongruencia e insensatez.

Ao contrario, a educação tem de principiar pela mulher, visto que tem de ser ella a primeira educadora da creança.

Que triste não é ver-se uma creança recebendo as primeiras influencias, — que são as mais poderosas, — as primeiras noções da vida de quem da vida nada conhece além do que lhe é peculiar ao instincto!

Depois as condições sociaes na actualidade estão de tal forma que a ignorancia da mulher só pode acarretar sobre nós males incalculaveis. Esses males começam logo a manifestar-se no de-

envolvimento physico das creanças que, ou morrem breve, ou vivem e crescem muitas vezes em condições que mais lhes valia a morte.

Pois quantas vezes a morte não tem por causa somente a ignorancia? Se as mães soubessem isto, em vez de chorarem a morte dos filhos queridos, chorariam essa ignorancia, maldizendo quem nella as conservou.

Desde a concepção até ao parto, e deste até que a creança sae do regaço materno para entrar no seio da sociedade, que de prejuizos, de absurdos, de principios falsos a rodeiam, a envolvem, se lhe infiltram no organismo, deformando-a?

A maior parte das mães ignora tudo o que lhes é necessario a respeito dos filhos que cria. Muito antes do tempo em que a creança deve começar a ser alimentada com alimentos nutritivos solidos, as mães começam a empapal-as com esses alimentos dando-lhes a comer de tudo, enchendo-lhes o pequenino e delicado estomago ás vezes do que ha de mais indigesto. O resultado sabemos qual é: — a dilatação do estomago, as alterações nocivas no tubo digestivo, a diathese, o rachitismo, enfim uma infinidade de males que lhes sobreveem e

contra os quaes são impotentes os recursos medicos — isto quando as mães procuram esses recursos.

Este caso é em geral para as mães pobres. Mas entre as ricas ou remedeadas quantos prejuizos tambem? De ordinario estas não fazem uso tão cedo da alimentação solida, porem lá teem os seus usos não menos nocivos. E' um delles as amas mercenarias ou a mameadeira.

Sobre isto ha muito que dizer, porque, mesmo entre as mães que recebe-



Eletéria

(Filha de Joaquim
Caetano Rainha)

ram uma certa instrução e educação — falsíssima a que por ahí se ministra nos collegios — os prejuizos abundam, como já dissemos. Quantas dessas mães sabem que as estatísticas provam a mortalidade das creanças creadas ao peito como sendo de 10 a 15 por cento, e de 30 a 40 por cento sendo creadas pela mamadeira? Que sabem essas mães a respeito das alterações que o leite soffre, continuamente e rapidamente, de como elle se decompõe e se torna em pouco tempo num receptaculo de microbios, que se multiplicam de tal forma que chegam a contar-se até *onze milhões* por centimetro cubico?

E se a ignorancia das mães acarreta sobre as creanças tantos males olhando-se apenas ao lado physico, pelo moral então o que se nos antolha é desolador. A deformação é completa e é ahí que os sociologos teem de procurar a causa primordial da degenerescencia em que vamos, a causa primordial da baixa de caracteres que se accentúa de dia para dia, nas sociedades modernas.

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO.



As gasetas escolares, a cada passo erguem, em nosso paiz, hinos de gloria de *professor primario*. Ora, a bem disêr, que é um mestre-escola? Um servil e mecenário mediano entre a criança e a burguesia, Esta elabora compendios cheios d'absurdos, de preconceitos ridiculos, destinados a fornecer uma sciencia e uma moral falsas, posticças; o professor mete no cerebro da criança, sem sciencia, nem consiencia, automaticamente, essas deploraveis coisas.

Com a profissão de professor, succede o mesmo que com a de médico: são belas, honrosissimas, quando nortiadados por um grande amor á Humanidade, um grande talento de bem-fazer; sem valor e sem gloria, quando simples meios de ganhar a vida.

GABRIEL D'OLIVEIRA



A uma criança que dorme

Alma feita d'esperança,
fragrante rosa em botão,
dorme e sonha assim, criança,
teu sonhar todo illusão...

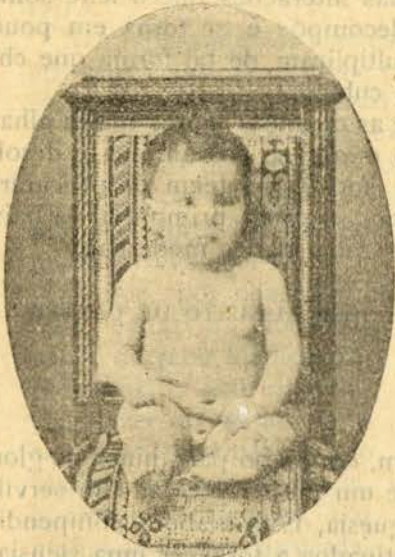
Do teu sôno de bonança
que ninguem te acorde oh! não,
nevada pombinha mansa
do pombal do coração!

Lança. ó Mãe, ao pequenino,
teu olhar tão cristalino;
seu berço vai embalar,

A acordá-lo, a Fome e a Dor
andam bailando ao redor...
Não n'ò deixes acordar!...

ANGELO JORGE

O livro da Vida



Alberto

(Filho de Manoel Júlio Ferreira e de Adelaide da Conceição Fernandes)

As páginas da existencia estão em branco; nélas podemos escrever, crianças e adultos, uns para diser o que temos sido, outros para expor o que queremos. Filhos e pais, melhor os pais do que os filhos, devem ter muito cuidado ao pôr o lápis nas páginas da Vida, porque da forma que vivermos quando crianças e da maneira porque tratarmos a estas, é que depende o porvir dos homens. Regularmente, todos imaginamos ter sido melhores filhos que nossos próprios filhos, sem comprehendermos que os nossos pais, ao julgarem os seus, disiam o que, ao julgar os nossos filhos, disêmos nós agora. Este rigor de juiso depende do que cada um imagina sêr, do que têmos de ser por necessidade social, e do que quiséramos que fôsem os nossos decedentes.

Como quer que aprender a contar seja mais útil do que aprender a brincar, menos prezamos ao traquinas que passa o dia cantando, brincando ou bailando sem se lembrar dos livros, e têmos em muito boa conta ao menino judicioso que não pensa em nada mais que a lição.

Quão grande é o erro dos páis nésta matéria!

Trabalhemos pela sociedade futura e atendamos o menos possível ás exigencias da presente que obriga o pobre a mandar os filhos á escola ou á officina—dous fôcos d'epidemias, ambos, da maneira que funcionam hoje em dia,—e farêmos, assim, verdadeira pedagogia revolucionária, porque trabalharemos pela saude fisica dos homens, sem a qual não é possível que haja saude intelectual nem moral.

Melhor do que todas as leituras, escritas e lições que se recebem num local fechado e anti-higiênico, fás mais a favor do bem estar e do saber das crianças, uma correria em pleno campo, ao ar livre. No entretanto, é tão grande a preocupação dos páis néste assunto, que preferem que seus filhos estejam todo o dia encerrados na escola e que saibam somar ao cabo dum mês, a que se curem da escrófula e da anemia de que geralmente padecem todos os filhos de pobres, com banhos de



Liberta

(Filho de Cesar Martins da Rocha e de Antonia da L. Rocha)

sol, d'ar, de suor, correndo e saltando por montes e vales. E' que a mór parte dos páis não sabem que esse ar e esse suor são mais eficases para o progresso e para o saber dos individuos, do que inúmeras lições de urbanidade e de siensia que a criança não entende.

Nada ha que mais desperte a intelligencia e a prepare melhor para a assimilação e a criação scientifica e artistica, do que a influencia do exigénio na purificação do sangue. O hómem são pára frente a frente a uma montanha e fala com ela acêrca da sua fauna, da sua flora, da sua topografia e da belesa do infinito, e ainda que nada entenda de siências, por certo notará em seu sêr a inspiração e a grandiosidade da vida tradusida em amor. A saude é a primacial condição de tudo o que é nobre e grande em saber e em bondade; por isso o professor que procure antes educar do que instruir, antes curar do que ensinar, ainda que desperutando a critica dos páis ignorantes, fará obra humana e alevantada.



Antonia (fal.)

(Filho de Antonio Rodrigues e de Mariana de Sousa da Piedade)

Quando a instrução deixar de sêr, como agora, cálculo e meio para se poder explorar melhor ao próximo; quando os hómens deixarem de ter necessidade de se exercitar inteletualmente para repelir as investidas dos seus semelhantes e poder sentar praça, quanto antes, no exército que luta desesperadamente pela vida: — então as crianças brincarão até se fartarem de brincar, então as crianças se farão sãos, cheias de vigor e de vida; e quando, grandes já, sentirem em sua intelligência o desejo de saber, hão de aprender mais em um ano de que hoje em dia em dés.

Dirijamos, pois, os nossos passos e essa sociedade e á educação que ela estabelece; e, já que não podêmos atualmente praticá-la por uma exigencia das necessidades sociais, procurêmos, páis e mestres, ajustar-nos o mais possivel a esse processo educativo.

Se tal se praticasse, encheríamos o livro das crianças com uma bela, radiante esperança, e o dos hómens com uma satisfação magnifica, infinita.

SOLEDADE GUSTAVO.



Uma criança que nunca delibera por si-própria, que nunca escolhe ou recusa, que é passiva em todos os seus atos, não será nunca própria senão para obedecer cobardemente aos hómens e ás coisas que hão de dominá-la por efeito de acaso... A criança não deve mandar nem ser obedecida a cada passo, como o são os filhos da burguesia; mas tambem não é preciso que dêça á posição dum escravo, sempre com receio de ter e manifestar nma ideia.

LACORDAIRE.

Filhos de pobres

Néssas vielas lôbregas, sem ar,
onde a desgraça mora e a fome habita,
andam filhos de pobres a brincar,
num chilrear alegre de avesita.

Criaturinhas pálidas, sem viço,
têm no olhar a mágua que as consome,
mas brincam sempre, em doído reboço,
quantas vês, até, cheias de fome...

Pobres anjos caídos num monturo,
tristes jasmims de faces amarelas,
anda a tísica má, num bafo impuro,
a espreitar e a bailar á roda délas.

E eu que lo-me a sorrir-lhes e murmuro:
Melhor lhes fôra a morte, ás pobresitas!
Viver de que lhes serve, se o futuro
a fome lhes reserva e mil desditas!

Dentro de pouco deixam de folgar,
e ei-los passando vida amargurada:
ei-los de sol a sol a labutar,
empunhando um martelo ou uma enxada.

Emquanto os ricos dormem sem cuidado,
e vão, cantando e rindo, para a escola,
filhos de pobres ei-los condenados
a um trabalho que os cança e os estiola.

Filhos de pobres são como as formigas:
cêdo, o trabalho deita-lhes as garras,
emquanto a burguesia, sem fadigas,
passa a vida a cantar como as cigarras.

E sempre assim, em luta colossal,
ei-los a vida inteira, dia a dia,
imersos néssa faina bestial,
sem luz, sem instrução, sem alegria!

Filhos de pobres—pobres de vocês!
que triste vida a vossa vida escura!...
Por isso eu digo ao vêr-vos, tanta vês:
Melhor vos fôra a paz da sepultura!

Carta a minha irmã

Tenho de ha muito no meu quarto, minha querida irmã, o teu minuscuro retrato tirado em dia de primeira communhão. Lembra-me muito bem do dia em que m'o offereceste: foi n'um domingo de pascoa, alegre e formoso; era ás primeiras horas da tarde e na rua passava, solémne e garboso o cura da freguezia acompanhado do sacristão, obeso e vesgo, que fazia retinir nas mãos uma enorme campainha, bradando compassadamente:

— Folar pr'ó senhor abbade ...

Não sei se te recordas da enorme gargalhada com que acolhi aquella pedinchisse, impropria d'um paiz civilizado e d'um povo que blasona da sua illustração, e supponho tambem que não te esqueceu ainda a severa reprimenda que, por isso, me deu nossa mãe que n'esse momento appareceu na sala. Sei bem que possues uma excellente memoria; por isso acredito que nada te esqueceu ainda do que n'essa tarde se passou connosco.

Não posso deixar de reavivar o passado, muito especialmente quando elle encerra lições valiosas que jámais poderemos esquecer n'esta ingloria jornada da vida. Tu mesma estás quasi uma mulher e não deixarás de aproveitar a moralidade da narração, pelo ensinamento que contem.

Logo após a reprimenda da nossa mãe tu, muito alegre e satisfeita, depuzeste em minhas mãos o teu retrato, enquanto nossa mãe, já menos severa me dizia:

— Ora repara como a nossa Adelina está bonita e bem posta. As visinhas vão ficar de bocca aberta quando virem o retrato! Ellas já ficaram a morder-se de inveja quando a viram ir p'rá communhão. Bem sei a dôr d'ellas! é que a nossa apesar de ser pobre, foi a que melhor e mais ricamente se apresentou.

Sabes bem, querida irmã, a veneração profunda que eu tive sempre por nossa mãe, uma pobre aldeã, rude, ignorante; que nunca soube ler, e que foi educada n'um meio beafo, onde adquiriu os conhecimentos precisos para viver nas trevas acorrentada á superstição, ao dogma, ao milagre e á mentira. Apesar de tudo isso nunca me resolvi a contraria-la, como tu muito bem sabes; mas n'essa tarde, depois das suas palavras, eu não podia permanecer calado: o meu silencio assumia já um aspecto criminoso, visto que, tendo fallecido nosso pae, sendo eu o unico homem da casa, era a mim que me competia olhar pela sua administração.

Então, bem viste os rodeios de que me servi para convencer nossa mãe do errado caminho trilhado por ella muitas vezes e muito especialmente, na tua primeira communhão, em que para te, apresentar mais bem vestida que as outras não teve duvida em ir empenhar o seu cordão e os brincos! Lembra-te bem de que lhe demonstrei que a communhão servia apenas para exposições de vaidades para uns, de humilhações e escarneo para outros. Parece-me que ainda a estou a vêr, convencida, derramando lagrimas de profundo arrependimento e confessando que para te tirar o retrato mandára empenhar a minha corrente d'ouro.

Data d'esse momento em diante a nossa felicidade, porque, graças ás minhas justissimas ponderações, nunca mais nem a igreja nem o fanatismo tiveram força para desviar da senda do bem aquella que por tão largo tempo e por sua influencia perniciosa tanto d'elle se desviará.

Supponho bem cara irmã, que a lição foi devéras eloquente para ti; por isso hoje ao lançar o olhar para o teu retrato, que guardo como lembrança, lanço mão da pena para transmittir ao papel as recordações que elle me traz.

Teu irmão.

MÁRIO



O futuro das nações está na escola, disse Pestalozzi. O futuro da Humanidade está na educação, quando pura, perfeita, livre de peconceitos religiosos, politicos e moráis, disêmos nós.

Para as crianças pobres

Vinde a mim, crianças da viela; vinde a mim, que vos quero beijar em vossos ternos olhos onde as lágrimas assomam.

Sabeis bem o que sois, oh tristes pequeninos?

Ouvi:—sois os privados de todo o gôso infantil, de todo o cuidado sientífico e pedagógico, de toda a solicitude social. Despojados vossos páis dos recursos necessários para vos cuidarem do corpo e da intelligencia, viveis ao acaso, abandonados do mundo. Na maioria, morrereis; os que continuarem no caminho da vida, esses virão a ser carne de mina, de fábrica, de quartel. . . A sociedade é para vós, crianças pobres, verdugo que vos assassina lentamente, roubando-vos recreios e brinquedos, com a ameaça permanente de deixardes parte dos vossos corpitos entre as engrenagens duma máquina.

Não vem longe, porém, a hora da vossa redenção. Sinal certo de que ha homens que, com decidida vontade, por ela lidam, é o podêrdes vêr aqui reproduzidos vossos retratos com uma belesa de que o próprio rei se não ufana. Alegrai-vos, pequeninos, ao mirá-los aqui; imaginai que vos aproximais dos grandes e dos ricos ao vêrdes hoje vossas imagens nas mesmas condições em que se costumam apresentar as dos potentados. Alegrái-vos, por um dia, ao menos, considerando que é isto um sinal dos tempos que hão de redimir-vos, crianças da viela!

E ao rir amargamente pelo que sois e com amor imenso pelo que sereis, apartai de nossos pequeninos corações o ódio aos homens, mas não para deixardes de pensar um só momento em combater com paixão de gigantes, a estas instituições sociais que vos submetem, desde pequenos a grandes, a toda a espécie de injustiças e crueldades.

Odiai a pátria, todas as pátrias, pequenas e grandes, regionais e nacionais, que vos fazem aborrecer ao espanhol ou ao inglês. O ódio ao estrangeiro é o mais infernal e macrabo que a humanidade concebôu em sua infância. Este sentimento préverso ha custado já muitos mares de sangue, e é ainda hoje um obstáculo á fraternidade dos povos e á aliança dos desvalidos da fortuna, que não deveriam ter pátria por intresse próprio.

Odiai a propriedade e o dinheiro, porque o primeiro que disse «isto é meu», foi o primeiro usurpador, o primeiro patriota e o primeiro bandido.

Odiai o Poder e as leis, porque o primeiro homem que ousou fazer-se obedecer pela força de seu braço ou da sua astucia, foi o antecessor de todos os legisladores e de todos os tiranos; e a primeira pessoa que se submeteu ás conveniências alheias ou não teve valor para se revoltar contra elas, foi o pai da nossa escravidão.

E no cimo d'esses ódios, tanto mais santos quanto mais firmes e seguros os sentirdes, ponde um grande, um imenso amor pelos homens. Se tal fisésseis, de par e passo que laboraríeis no terreno da vossa própria felicidade, honraríeis aos vossos páis e deixaríeis aos vossos filhos, quando os tivésseis, uma herança imensa que se chama—o ideal.

Vinde a mim, crianças da viela; eu quero, a beijos, gravar estas minhas palavras em vossos pequeninos cérebros torturados!

Distribuição de prêmios

As distribuições de prêmios, essas solenidades oficiais que teem em vista recompensar a intelligencia, nunca o esforço, causaram-me sempre uma desagradavel impressãõ. Por sentimento e por principio, sou inimigo d'esses espetáculos com que fecha o ano escolar.

Eis ali umas tantas crianças que, bem pentiadas e bem vestidas, se dirigem, acompanhadas a maior parte pelos páis, ao salão da escola onde deve realizar-se a cerimonia. Da tribuna onde as notabilidades brilham, pronunciam-se nomes: 1.^o prêmios lauridos...; aplausos retinem, raramente unânimes. Depois veem os prêmios, os *accessits*, depois... mais nada. Enquanto que umas crianças se envaidecem ao chegar a casa carregadas de corôas e de prêmios, outras, bem tristes, entram em casa de mãos vãs e de lágrimas nos olhos. Os páis destas últi-



Arnaldo

(Filho de Francisco Cristo)



Carlos

(Filho de Francisco Cristo)

mas, deveras zangados, ralham-lhes e censuram-lhes o desastre:

—Que vergonha! nem sequer um *accessit*... Olha o filho do snr. Teixeira; olha o Francisquinho; eles tiveram prêmios, mas tu... nada! Não passas dum preguiçoso, dum ignorante... E a pobre criaturinha escuta essa avalanche de censuras, de cabeça baixa, sonhando com tristêsa nas férias más que vai passar.

Ao entrar em casa, meto-se num canto, perto da janela, d'onde avista um condiscipulo que caminha de laurel na frente, um lindo volume debaixo do braço; recúa, fecha os olhos, num desgosto enorme. Ao menor barulho, estremece; é que se aproxima a hora d'entrada do chefe da familia. Alguem sobe as escadas. Reconhece aquele passo familiar, enrubece e, em lugar de ir a correr abraçar o pái que ele tanto ama, isola-se ainda mais e fixa um ponto no horizonte.

—«Então, Pedro, que é dos teus prémios?»

A criança cala-se; um soluço sobe-lhe á garganta; os seus olhos, tão claros e sorridentes d'antes, não ousam agora fixar o rosto severo do pái. Quanto a este, franse as sobrancelhas, carrega se-lhe ainda mais o semblante; percebeu, pela atitude do filho mais do que pelo gesto da mãe, que este não obteve recompensa alguma. E começa de ralar com o pobre petis, de o admoestar, de lhe prégar uma sólida lição de moral... E os choros redobram quando o pái anuncia á criança, de vós grossa e modos bruscos, que não irá para a aldeia esse ano, afim de lhe punir a sua ignorância.

Pedro, então, degostosíssimo, promete que trabalhará mais d'orávante:

—O papá que quer... os meus condiscipulos são talvez mais inteligentes de que eu... E depois, não ha meio d'eu poder decorar nada. E'-me impossível comprehender a maneira d'ensinar do snr. professor, que nada explica. O papá bem sabe que, mal me demonstra qualquer coisa, eu logo a comprehendo. Mas, que quer o papá?— não posso fixar na memória aquilo que não me é explicado...»

E tudo isso é dito dum fôlego, pois que a criança sente os soluços subirem-lhe á garganta...

O pai vai talvez perdoar, voltar atrás com a sua dura decisão, quando nisto entra a sala o irmão mais velho, mostrando os seus lindos quatro prémios. A mãe não se cança de gabar os méritos, a siensia do filho premiado; mas, vendo o outro tão triste, quer ir abraçá-lo. Pedro então, cheio de cólera, recusa o abraço e exclama:

—«O Jaques não passa duma bêsta! Aprende tudo de cór, mas não comprehende coisa alguma!»

Essas palavras valem a Pedro uma tarefa rija, e é condenado a passar as férias em casa.

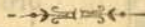
E ele, que ama tanto os cantos dos passarinhos, o murmúrio do riacho, e que tanto gosta de subir ás árvores e de correr em liberdade, sem professor e sem vigia, fica devendo esse castigo estúpido aos mestres, ao pái, á mãe, e ao nosso deploravel ensino burguês ..

LEIFORT.



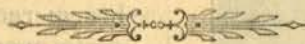
Se se deseja educar uma geração livre, é necessario começar por destruir as prisões chamadas collegios e liceus!

ELISEU RECLUS.



Incutir o espirito d'obediencia, de submissão aos mestres e aos páis, aniquilar a vontade própria ante a duma autoridade superior, sempre abstrata mas representada por seres de carne e osso: o padre, o militar, o rei, o deputado, ministro etc.— eis si a tarefa daqueles a quem, hoje em dia, está incumbido o cuidado de educar a juventude.

JEAN GRAVE.



— A demora na saída deste número, foi devida á doença de **Ángelo Jorge**, que desd'agora abandona o seu cargo de **Luz e Vida**.